

DE ILIPA A MUNDA

GUERRA E CONFLITO NO SUL DA HISPÂNIA

GUERRA Y CONFLICTO EN EL SUR DE HISPANIA

Carlos Pereira
Pedro Albuquerque
Ángel Morillo
Carlos Fabião
Francisca Chaves
(eds.)



CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

DE ILIPA A MUNDA

GUERRA E CONFLITO NO SUL DA HISPÂNIA

GUERRA Y CONFLICTO EN EL SUR DE HISPANIA

CARLOS PEREIRA

PEDRO ALBUQUERQUE

ÁNGEL MORILLO

CARLOS FABIÃO

FRANCISCA CHAVES

(eds.)

CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Direcção e orientação gráfica: Ana Catarina Sousa
Série fundada por Victor S. Gonçalves

15.
PEREIRA, C. - ALBUQUERQUE, P. - MORILLO, A. - FABIÃO, C.
- CHAVES, F. (2021) – *De Ilipa a Munda. Guerra e conflito no Sul da
Hispania*. Estudos e memórias 15. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 327 p.

Capa: Da esquerda para a direita: fotografia de C. Pereira; a mesma
imagem convertida em bitmap; fotografia e desenho de G. Ulbert
(cedidos pelo Instituto Arqueológico Alemão de Madrid).

Coordenação editorial: Carlos Pereira

Paginação e composição: Constança Gonçalves

Impressão: Europress - Indústria Gráfica

400 exemplares

ISBN: 978-989-53453-2-8 / **Depósito legal:** 490559/21

DOI: <https://doi.org/10.51427/10451/50003>

Copyright ©, 2021, os autores.

*Toda e qualquer reprodução de texto e imagens é interdita, sem a expressa
autorização do autor, nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL
63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes.*
Lisboa, 2021.

Esta publicação foi concretizada e financiada através dos projectos
científicos:

- Acampamentos militares romanos no Ocidente peninsular:
estratégias de conquista e controlo do território”, SFRH/
BPD/108721/2015, dirigido por Carlos Pereira;
- Paisaje y territorio militarizado en la Hispania Romana: movilidad
y transferencia cultural (siglos II a.C. – IV d.C.), HAR2017-85929-P,
MINECO/AEI/FEDER, UE dirigido por Ángel Morillo Cerdán e
Cruces Blázquez Cerrato;

Impressão financiada por fundos nacionais através da FCT -
Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos
projectos:

- UIDB/00698/2020;
- UIDP/00698/2020.

Todos os contributos que compõem este volume foram submetidos
a uma criteriosa política editorial, tanto pelo coordenador, no
que respeita ao conteúdo formal e ao cumprimento das normas
de edição desta colecção, como pelos revisores. O processo de
avaliação dos trabalhos seguiu os critérios blind peer review, tendo-
se seleccionado investigadores externos (nacionais e internacionais)
especializados em diferentes disciplinas.
Esta edição está disponibilizada em acesso aberto, gratuitamente
em versão a cores, promovendo e incentivando a circulação e
promoção do conhecimento gerado por trabalhos ou projectos
científicos. Esta publicação conta igualmente com uma versão
impressa, a preto e branco, que foi distribuída gratuitamente por
bibliotecas e instituições relevantes, nacionais e internacionais, de
forma a ampliar o acesso aos trabalhos que integra.

VOLUMES ANTERIORES:

LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) - *Antas do Concelho de Reguengos
de Monsaraz*. Estudos e Memórias, 1. Lisboa: CAH/UNIARQ/INIC.
321 p.

GONÇALVES, V. S. (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto
Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 volumes. Estudos e
Memórias, 2. Lisboa: CAH/UNIARQ/INIC. 566+333 p.

VIEGAS, C. (2011) - *A ocupação romana do Algarve. Estudo do
povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*.
Estudos e Memórias, 3. Lisboa: UNIARQ. 670 p.

QUARESMA, J. C. (2012) - *Economia antiga a partir de um centro de
consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica de cozinha em Chãos Salgados
(Miróbriga)*. Estudos e Memórias, 4. Lisboa: UNIARQ. 488 p.

ARRUDA, A. M. (ed.) (2013) - *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas
do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. 1. Estudos
e Memórias, 5. Lisboa: UNIARQ. 506 p.

ARRUDA, A. M. (ed.) (2014) - *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas
do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. 2. Estudos
e Memórias, 6. Lisboa: UNIARQ. 698 p.

SOUSA, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*.
Estudos e Memórias, 7. Lisboa: UNIARQ. 449 p.

GONÇALVES, V. S. - DINIZ, M. - SOUSA, A. C. (eds.) (2015) - 5º
Congresso do Neolítico Peninsular. Actas. Estudos e Memórias, 8.
Lisboa: UNIARQ. 621 p.

SOUSA, A. C. - CARVALHO, A. - VIEGAS, C. (eds.) (2016) - *Terra
e Água. Escolher sementes, invocar a Deusa. Estudos em Homenagem a
Victor S. Gonçalves*. Estudos e Memórias, 9. Lisboa: UNIARQ. 623 p.

GONÇALVES, V. S. (ed.) (2017) - *Sinos e Taças, Junto ao Oceano e mais
longe. Aspectos da presença campaniforme na Península Ibérica*. Estudos
e Memórias, 10. Lisboa: UNIARQ. 364 p.

GONÇALVES, V. S. - SOUSA, A. C. (2018) - *Casas Novas, numa curva do
Sorraia (no 6º milénio a.n.e. e a seguir)*. Estudos e Memórias, 11. Lisboa:
UNIARQ. 279 p.

MORÁN HERNÁNDEZ, M. E. (2019) - *El asentamiento prehistórico
de Alcalar (Portimão, Portugal). La organización del territorio y el
proceso de formación de un estado prístino en la Bahía de Lagos en
el tercer milenio a.n.e.* Estudos e Memórias, 12. Lisboa: UNIARQ.
312 p. + 4 extratextos.

ARRUDA, A. M. - FERREIRA, D. - SOUSA, E. (2020) – *A cerâmica
grega do Castelo de Castro Marim*. Estudos e memórias 13. Lisboa:
UNIARQ/FL-UL. 112 p.

SOUSA, A. C. - BRAGANÇA, F. - TORQUATO, F. - KUNST,
M. (2020) - *Georg e Vera Leisner e o estudo do Megalitismo
no Ocidente da Península Ibérica. Contributos para a história
da investigação arqueológica luso-alemã através do arquivo
Leisner (1909-1972) / Georg und Vera Leisner und die
Megalithgräberforschung im Westen der Iberischen Halbinsel.
Beiträge zur portugiesisch-deutschen Forschungsgeschichte der
Archäologie im Spiegel des Leisner-Archivs (1909-1972)*. Estudos e
Memórias, 14. Lisboa: UNIARQ/IAA/DGPC. 704 p.

ÍNDICE

PREFÁCIO	1
-----------------	---

CARLOS PEREIRA E ÁNGEL MORILLO

APRESENTAÇÃO: EM BUSCA DO EXÉRCITO ROMANO NA HISPÂNIA REPUBLICANA	5
--	---

HISTORIOGRAFIA E FONTES - HISTORIOGRAFÍA Y FUENTES

NUNO SIMÕES RODRIGUES

A PENÍNSULA IBÉRICA COMO HORIZONTE MITOLÓGICO DO CONFLITO PARA GREGOS E ROMANOS	21
--	----

CÁNDIDA MARTÍNEZ LÓPEZ E MERCEDES ORIA SEGURA

ENTRE LA GUERRA Y LA PAZ. APROXIMACIONES METODOLÓGICAS AL ESTUDIO DE LAS MUJERES Y LA GUERRA EN EL MUNDO ANTIGUO	31
---	----

ROSALÍA HERNÁNDEZ GARCÍA

LAS HISPANAS Y ROMA: LA OPOSICIÓN DE LAS MUJERES A LA CONQUISTA ROMANA (206-45 A.C.). UNA REVISIÓN	51
---	----

JOSÉ RAMON HERRERA DELGADO E PEDRO ALBUQUERQUE

ILIPA Y MUNDA EN LA HISTORIOGRAFÍA Y COROGRAFÍA IBÉRICAS DE LOS SIGLOS XVI Y XVII	65
--	----

JESÚS SALAS ÁLVAREZ

LA BATALLA DE MUNDA Y EL EPÍLOGO DEL ASEDIO DE URSO	77
--	----

SÍTIOS E CONTEXTOS DE ORIENTE PARA OCIDENTE - YACIMIENTOS Y CONTEXTOS DE ORIENTE A OCCIDENTE

SONIA BAYO FUENTES, JESÚS MORATALLA JÁVEGA E FELICIANA SALA SELLÉS

ARQUEOLOGÍA DE LA CONQUISTA ROMANA EN LA CONTESTANIA IBÉRICA. LOS FORTINES TARDORREPUBLICANOS DE LA COSTA Y LA VIGILANCIA DEL CAMINO HACIA <i>CARTHAGO NOVA</i>	93
--	----

ÁNGEL MORILLO Cerdán, ESPERANZA MARTÍN HERNÁNDEZ, ROSALÍA DURAN CABELLO

E GERMAN RODRÍGUEZ MARTÍN EL COMPLEJO MILITAR TARDORREPUBLICANO DEL PEDROSILLO (CASAS DE REINA, BADAJOZ). CAMPAÑA DE 2010	107
--	-----

FRANCISCO JAVIER HERAS MORA

EL CAMPAMENTO ROMANO DE VALDETORRES EN LOS CONFLICTOS MILITARES DE LOS SIGLOS II Y I A.N.E. EN EL SUR HISPANO	133
--	-----

CARMELO FERNÁNDEZ IBÁÑEZ

**REFLEXIONES PRELIMINARES SOBRE LA REVISIÓN DEL CONJUNTO ARMAMENTÍSTICO DEL FINAL
DE LA REPÚBLICA EN EL CAMPAMENTO DE CÁCERES EL VIEJO (CÁCERES, ESPAÑA)** 151

VICTORINO MAYORAL HERRERA, PEDRO DELGADO MOLINA, CARMEN PRO MUÑOZ

**EN BUSCA DEL EJÉRCITO INVISIBLE: RASTREANDO LA PRESENCIA MILITAR TARDORREPUBLICANA
EN EL CASTRO DE VILLASVIEJAS DEL TAMUJA** 169

CARLOS PEREIRA

**ESTRATÉGIAS DE ACÇÃO E CONTROLO DO TERRITÓRIO. NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE CÁCERES
VIEJO (CASAS DE MILLÁN, CÁCERES)** 191

ANA MARGARIDA ARRUDA

GUERRA E PAZ: O ALGARVE ROMANO ENTRE *ILIPA* E *MUNDA* 209

RUI MATALOTO E ALEX MICHAEL ELLIOTT

**FROM THE *BAETIS* TO THE *TAGUS*: TRACES OF WARFARE IN THE ALENTEJO IN THE
LATE 2ND/EARLY 1ST CENTURY BC** 225

TERESA RITA PEREIRA

**O CONTRIBUTO DO CONJUNTO ARTEFACTUAL DE CABEÇA DE VAIAMONTE (MONFORTE,
PORTALEGRE) PARA A LEITURA DO “PANORAMA SERTORIANO”** 253

JOAQUINA SOARES, CARLOS TAVARES DA SILVA, JOÃO PIMENTA,

TERESA RITA PEREIRA, SUSANA DUARTE, ANTÓNIA COELHO-SOARES

CLEIA DETRY E VINCENZO SORÍA

O CASTRO DE CHIBANES NOS MEANDROS DA CONQUISTA ROMANA 275

JOÃO PIMENTA E HENRIQUE MENDES

**MONTE DOS CASTELINHOS - VILA FRANCA DE XIRA. UMA FUNDAÇÃO ROMANA REPUBLICANA
EX NOVO NO BAIXO TEJO** 293

JOÃO PIMENTA

O VALE DO TEJO COMO EIXO DA CONQUISTA ROMANA DA FACHADA ATLÂNTICA: ENTRE BRUTO E CÉSAR 309

PREFÁCIO

CARLOS PEREIRA
PEDRO ALBUQUERQUE
ÁNGEL MORILLO
CARLOS FABIÃO
FRANCISCA CHAVES

O presente volume constitui um modesto contributo para o debate e divulgação da linha de investigação sobre Arqueologia Militar Romana. Resultado da organização de um evento internacional¹, foi inicialmente idealizado no âmbito do projecto de pós-doutoramento² de um de nós (Carlos Pereira), mas para o qual foram determinantes a colaboração de Pedro Albuquerque e o apoio da Universidade de Sevilha. Todavia, nada disto teria sido possível sem as assertivas e cirúrgicas indicações de Ángel Morillo, Francisca Chaves e Carlos Fabião, que nos orientaram nesta complexa temática. O evento, que decorreu nos dias 3 e 4 de Dezembro de 2019, teve lugar na Universidad de Sevilla e acolheu um total de cerca de 60 assistentes e 32 investigadores de diferentes países (total de 24 comunicações), que concederam valiosos contributos para o debate da Arqueologia Militar. Foi organizado pela Universidade de Sevilha e pela UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e financiado pelo Vicerrectorado de Relaciones Institucionales da Universidade de Sevilha.

Infelizmente, para esta publicação, não foi possível contar com todas as contribuições que, por questões várias, não integram este volume e que compunham de forma mais homogénea os eventos militares ocorridos entre as batalhas que lhe dão título. No entanto, outras foram somadas e patenteiam algumas das questões que são mencionadas ao longo destas páginas, entre elas, o regresso a notórios sítios que têm ainda muito a contribuir para o conhecimento da Arqueologia Militar e que ampliam a visão de conjunto sobre estes temas.

Os trabalhos apresentados foram distribuídos por dois blocos temáticos: um dedicado à historiografia, fontes literárias e questões de género; o outro integra estudos de sítios, contextos e materiais arqueológicos. No primeiro, o leitor pode encontrar aspectos da Península Ibérica através das narrativas dos *corpora* mitológicos, mas também compreender a relação das mulheres com a guerra na Antiguidade e o papel por elas desempenhado, assim como a sua postura perante casos concretos que nos foram transmitidos pela literatura antiga. Todavia, também a literatura moderna é fonte de informação sobre a evolução no entendimento das grandes batalhas ocorridas no Sul do território peninsular. Por esse motivo alguns trabalhos abordam a representação das batalhas de *Ilipe* e de *Munda* em obras recentes, sendo um deles dedicado a uma análise ainda mais detalhada sobre um desses “campos de batalha”.

O segundo bloco, mais extenso, incorpora um total de 12 trabalhos que dissecam sítios e contextos e que abrem horizontes sobre um tema ainda bastante difícil. Tal como se expressa, a sua ordem segue um critério geográfico, pois uma organização cronológica revelar-se-ia inglória, já que muitos dos sítios apresentados oferecem uma diacronia de ocupação longa e, não poucas vezes, de génese indígena. Apresentam-se sítios militarizados, mas também acampamentos militares romanos e campos de batalha, nos quais os autores conseguem debater cada um deles de forma harmoniosa, articulando continuamente

¹ Seminário Internacional “De *Ilipe* a *Munda*: Guerra y conflicto en el sur de Hispania”.

² Acampamentos militares romanos no Ocidente peninsular: estratégias de conquista e controlo do território, SFRH/BPD/108721/2015

Finalmente, gostaríamos de deixar uma palavra de agradecimento a quem financiou esta publicação, concretamente à UNIARQ, na figura do seu director, o professor Carlos Fabião, à FCT, mas também a Ángel Morillo e a Maria Cruces Blázquez que, através do projecto “Paisaje y territorio militarizado en la Hispania romana: movilidad y transferencia cultural (ss. II a.C.-IV d.C.)” (MINECO/AEI/FEDER) (I+D HAR2017-85929-P), deram um importante contributo.

Imagen adaptada de Peter Connolly 1981





Figs. 1 a 5 - Documentando o evento: tríptico de divulgação do Seminário Internacional; fotografias gerais e concretas do evento e de algumas das comunicações apresentadas.

ESTRATÉGIAS DE ACÇÃO E CONTROLO DO TERRITÓRIO. NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE CÁCERES VIEJO (CASAS DE MILLÁN, CÁCERES)¹

CARLOS PEREIRA

UNIARQ - Universidade de Lisboa

FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia

carlos_samuel_pereira@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4116-3602>

RESUMO: Após a realização de duas campanhas de escavação em Cáceres Viejo de Santa Marina, pretende-se com este trabalho oferecer uma síntese dos resultados obtidos. Por outro lado, apresenta-se a ocupação do local desde uma perspectiva distinta, expondo a globalidade dos vestígios, argumentos e história dos eventos militares romanos na região, de forma que o leitor possa conceber a sua própria opinião. Apesar disso, a posição geoestratégica do sítio, assim como uma influência cultural da área da Meseta, é algo que permanece nesta interpretação, situação que não parece ser indissociável da implantação deste e de outros sítios que pontuam a cordilheira que antecede o Sistema Central.

Palavras-chave: Santa Marina; Arqueologia Militar; Período Romano-Republicano; Extremadura; Exército.

ABSTRACT: After two campaigns of excavations at Cáceres Viejo of Santa Marina with this paper we pretend offer a synthesis of the mains results. We present the archaeological site from a different perspective, exposing the main vestiges, arguments, and the history of the military events that took place in this region. In this way, the person who read this work can conceive his own opinion. Despite that, the geostrategic position of this occupation, as well the evidence of the cultural influence of habitats from the north is something that remains in the mind of the author. In fact, this doesn't seem undissociated form the type of establishment of this and other settlements that coexist in the reliefs that point the mountain range that precede the Spanish Central System.

Keywords: Santa Marina; Military Archaeology; Roman Republican period; Extremadura; Roman Army.

¹ Trabalho realizado no âmbito dos projectos “Acampamentos militares romanos no Ocidente peninsular: estratégias de conquista e controlo do território”, SFRH/BPD/108721/2015, e “Paisaje y territorio militarizado en la Hispania romana: movilidad y transferencia cultural (ss. II a.C.-IV d.C.)” (I+D HAR2017-85929-P), concedido pelo Ministério de Economía, Industria y Competitividad (MINECO), à Agencia Estatal de Investigación (AEI) e ao Fondo Europeo de Desarrollo Regional (FEDER), cujos investigadores responsáveis são Ángel Morillo e Cruces Blázquez Cerrato.

1. INTRODUÇÃO

Os resultados obtidos com as intervenções arqueológicas realizadas em Cáceres Viejo de Santa Marina² (fig. 1 e 2), quer na de 2016 (Pereira, 2017) quer na de 2017 (Pereira, Dias, 2020), permitiram reunir evidências que fundamentaram uma proposta cronológica balizada na primeira metade do século I d.C. Além disso, os trabalhos arqueológicos consentiram a recolha de artefactos relacionados com uma provável presença militar, também patente no tipo de implantação e na arquitectura posta a descoberto (Pereira, Dias, 2020). Até ao momento, nesse local foi documentada uma única ocupação, limitada no tempo, característica de uma arquitectura própria erguida com matéria-prima local e estruturas defensivas igualmente construídas sem recorrer a evidentes preocupações estéticas ou a complexas técnicas de engenharia.

Foram realizadas intervenções em duas áreas distintas, de forma a averiguar a cronologia de estruturas visíveis a Oeste e a Este do cerro de Santa Marina. A Oeste, no Sector 1, foi realizada uma sondagem que pretendia datar um edifício de dimensões consideráveis, o que, infelizmente, não foi possível (Pereira, 2017: 35-36). Apesar disso, pudemos ponderar acerca da contemporaneidade desta estrutura com as restantes, uma vez que existem artefactos depositados no Museo de Cáceres que o consentem (ibid.: 51, fig. 12), concretamente um machado idêntico aos que foram recolhidos no Castro de Berrocalillo. Infelizmente, este artefacto foi recolhido em condições que desconhecemos e entregue à instituição juntamente com uma nota que informa da recolha, no interior daquele recinto, de “monedas republicanas e ibéricas de la zona sur” (acervo do Museo de Cáceres). As moedas, porém, nunca foram entregues ao museu.

Na área oposta a esta, a Este, também implantada no topo do cerro, foi realizada outra intervenção, que tinha como objectivo averiguar a função e a cronologia de espaços que estavam bem definidos à superfície. Por todo o cerro são visíveis estruturas a descoberto, mas nesta zona aparentavam uma maior complexidade, próximas a espaços que pareciam corresponder a arruamentos alinhados com a crista da elevação. Esta zona, Sector 2, foi escavada em duas campanhas, totalizando 173 m², tendo-se colocado a descoberto vários espaços habitacionais privados e públicos ou semipúblicos.

Sendo desnecessário repetir uma descrição detalhada da arquitectura ou dos contextos, pois já o fizemos em outra ocasião (Pereira, Dias, 2020), importa, ainda assim, insistir em alguns pontos que parecem reveladores do tipo de ocupação. De facto, a curta e única ocupação do espaço, realizada num local de difícil acesso e sem evidentes recursos (além dos defensivos), impõe questões de difícil resposta. Se tivermos em conta, ainda, que a ocupação é limitada no tempo e que as construções foram realizadas sem grandes cuidados, quase exclusivamente com recurso aos materiais do próprio cerro, não podemos deixar de equacionar uma eventual relação deste sítio com a instabilidade política e militar que esta região vivenciou durante a primeira metade do século I a.C.

Pretende-se, com este trabalho, examinar esta ocupação a partir de outras perspectivas, o que é consentido pelo facto de já se ter divulgado os resultados e os primeiros ensaios interpretativos sobre o sítio. Sendo verdade, porém, que a arquitectura não permite grandes conjecturas, nem os materiais facilitam uma datação precisa, o excelente estado de conservação dos contextos e dos materiais, a existência de outros sítios arqueológicos idênticos nos arredores e a leitura conjunta dos dados de época romana-republicana conhecidos para esta região consente, pelo menos, que possamos debater sobre a sua função e relevância num quadro mais amplo da ocupação e presença romana na província de Cáceres.

Neste sentido, devemos lembrar a recolha de um numisma de prata (Pereira, 2017: 41, fig. 8) que, embora não seja revelador da cronologia desta ocupação, é um elemento datante *post quem*

² Este sítio pode ser facilmente confundido com o homónimo localizado nos arredores da cidade de Cáceres, motivo pelo qual optámos por denominá-lo desta forma, tal como fizemos em trabalho anterior (Pereira, Dias, 2020).

significativo (RRC 280/1). Aliás, em outra ocasião tivemos a oportunidade de afirmar que, tratando-se de uma cunhagem de 80 a.C., não é improvável uma datação do assentamento centrada na década seguinte (Pereira, Dias, 2020: 118). A inexistência de desgaste da moeda, assim como amortizações semelhantes em contextos idênticos (Alapont, Calvo, Ribera, 2010: 15-16; Ribera, 2014: 67-68), permitem assumir que o sítio possa ter sido ocupado a partir desse momento. Numismas deste tipo foram documentados nos tesouros da Charneca, em Torres Novas (Hipólito, 1960-61: 80), de Santana da Carnota, em Alenquer (Viegas, Parreira, 1984: 79-85), Portugal, e de Maluenda, em Zaragoza, Espanha (Villaronga, 1964: 167, n.º 31). Note-se que em todos eles as moedas mais recentes não ultrapassam 76 a.C., o que permitiu sugerir a sua formação no primeiro quartel dessa centúria, possivelmente no âmbito dos conflitos sertorianos (Marcos, 1999), sobretudo no caso espanhol (Ripollés, 1982: 305-306). Fortalece essa possibilidade o facto de os conjuntos dessa época geralmente apresentarem o pico máximo de exemplares entre os anos 91-79 a.C. (Blázquez, 2014: 421).

Se a presença deste numisma, que estava num espaço de habitação austero e ao lado de outro onde foi recolhido um conjunto de glandes de chumbo aglomeradas numa das esquinas, pode sugerir a eventual presença de algum destacamento militar senatorial, podendo corresponder, como foi sugerido, a um posto avançado do recinto militar de Cáceres el Viejo (García, 1979: 332), a maioria dos materiais parece contrariar essa possibilidade. Com efeito, as cerâmicas transparecem evidentes afinidades com os assentamentos a Norte do Tejo, das áreas de influência Vetona e Celtibérica, não se assemelhando sequer as produções locais às daquele acampamento militar (Ulbert, 1984: 175-178), esse seguramente às ordens do senado silano.

2. EVIDÊNCIAS E PROBLEMÁTICAS ARQUEOLÓGICAS

Apesar das dificuldades que expusemos em trabalhos anteriores, foi possível reunir dados de vária natureza para melhor compreender o sítio de Cáceres Viejo de Santa Marina (fig. 1). Os mais relevantes são, de facto, aqueles que foram obtidos com as intervenções arqueológicas metódicas e a recolha de artefactos devidamente integrados em contextos estratigráficos (Pereira, 2017; Pereira, Dias, 2020).

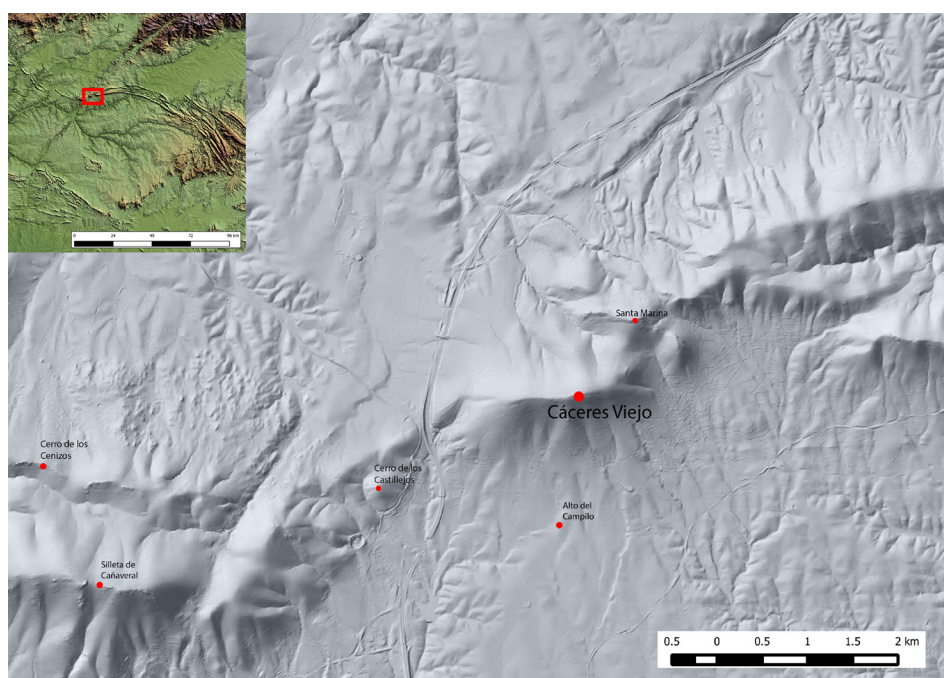


Fig. 1 - Localização dos sítios arqueológicos nas imediações de Cáceres Viejo de Santa Marina mencionados no texto. Mapa de base LiDAR.

A arquitectura constatada é de grande simplicidade, com espaços bem definidos, implantados no topo da vertente Sul, tendo-se escavado plataformas para esse efeito. De facto, a forte pendente da vertente condicionou consideravelmente as construções, seguramente auferindo-lhes um efeito escalonado. Na planta registada (fig. 2) definem-se edifícios com alguns espaços privados, com estruturas de combustão e eventuais bancadas ou tarimbais (compartimento 4). Num desses compartimentos foi possível documentar uma área de armazenamento que deveria funcionar como despensa (compartimento 3). Todos os compartimentos conservam os vãos voltados para um espaço público ou semipúblico, em alguns casos bem definidos e estruturados com alinhamentos de pedras que seguramente desviavam as águas pluviais. Justamente nesta área foi acrescentado outro compartimento (compartimento 5), de feitura mais cuidada.

O que mais surpreende nas construções é o facto de aparentarem ter sido realizadas sem grandes cuidados e sem uma selecção evidente dos materiais para a sua edificação. Da mesma forma, o interior não deveria estar equipado com revestimentos parietais e os solos eram maioritariamente de terra, exceptuando apenas o de um dos compartimentos (compartimento 5), que estava empedrado (Pereira, Dias, 2020: 112-114, fig. 13), quase todos equipados com estruturas de combustão.

Outra característica significativa é o facto de as paredes serem integralmente construídas com pedra, situação que é demonstrada, pelo menos no Sector 2, pela elevada quantidade de pedra que constituía os derrubes. Todavia, não é improvável que as paredes das habitações fossem de pouca entidade, ou seja, com um pé-direito baixo, e a cobertura realizada com materiais perecíveis de forma a dissimular as construções na paisagem. Com efeito, estas construções, elevadas com materiais locais e a mais de 200 m de altura desde o sopé do cerro, seriam difíceis de distinguir na paisagem.

Conquanto se tenha considerado uma ocupação pré-romana para o sítio (Martín, 1995: 303-304; Heras, 2018: 100-102), até ao momento não foi possível detectar vestígios de construções anteriores à época tardo-republicana. Com efeito, é difícil conceber uma ocupação neste cerro, sobretudo se tivermos em conta que não está guarnecido de recursos naturais de primeira ordem, nem permitia a rentabilização do solo, maioritariamente rochoso. Apesar do que foi dito, esses recursos estavam disponíveis nas imediações da elevação natural, mas transportá-los por uma vertente íngreme até uma altura considerável somente deveria justificar-se em condições excepcionais. Aliás, a presença de grandes recipientes, sobretudo os toneliformes, deverá ter tido essa função (Pereira, Dias, 2020: 115-116, fig. 17).

Além do que foi exposto, devemos igualmente ter em conta a existência de um sítio arqueológico nas proximidades que, efectivamente, deverá corresponder a uma ocupação dessas características. O Cerro de los Castillejos, em Cañaveral, está implantado numa elevação de pouca entidade, imediatamente ao lado da Via da Prata, e oferece uma planta ovalada irregular, em torno da qual se vêem espaços definidos. O sítio parece estar relativamente intacto, não tendo sido do interesse dos investigadores até ao momento. O seu estudo pode contribuir positivamente para o esclarecimento de algumas questões, nomeadamente as que se prendem com a localização das *mansiones* (Roldán, 1971; 1975; 2007; Haba, Rodrigo, 1990; Cerrillo, 2004; Cerrillo, Montalvo, 2009; Fernández, Morillo, Gil, 2012) e o comércio que transitaria por essa via (García-Figuerola, 2011), uma vez que o local deverá ter sido ocupado também em época romana. No entanto, ainda que a presença de fragmentos de *tegulae* à superfície do terreno assim o dê a entender, somente trabalhos de escavação metódicos poderão confirmar ou refutar essa possibilidade.

Voltando ao sítio objecto de análise, a arquitectura que descrevemos está disseminada por uma grande extensão da Serra de Santa Marina, mas, ainda assim, expondo diferentes espaços de dimensões variáveis. Não obstante, a mais frequente ronda os 12 m² (3 x 3,7 m ou 2,8 x 4,5 m) (fig. 2), parecendo corresponder a módulos alongados que se enfrentam e justapõem alternadamente, limitados a ambos

extremos por arruamentos. Ainda que seja aliciante ver nesta reprodução de edificações e proporções uma inspiração militar (Protase, Gaiu, 1999: 418; Petruț, Gui, Trincă, 2014: 71), ainda que adaptada ao terreno, é necessário ampliar a área intervencionada e esclarecer se os edifícios contíguos mantêm, ou não, este padrão. Por outro lado, embora no terreno pareça evidente a existência dos referidos arruamentos, estes carecem ainda de uma intervenção arqueológica.

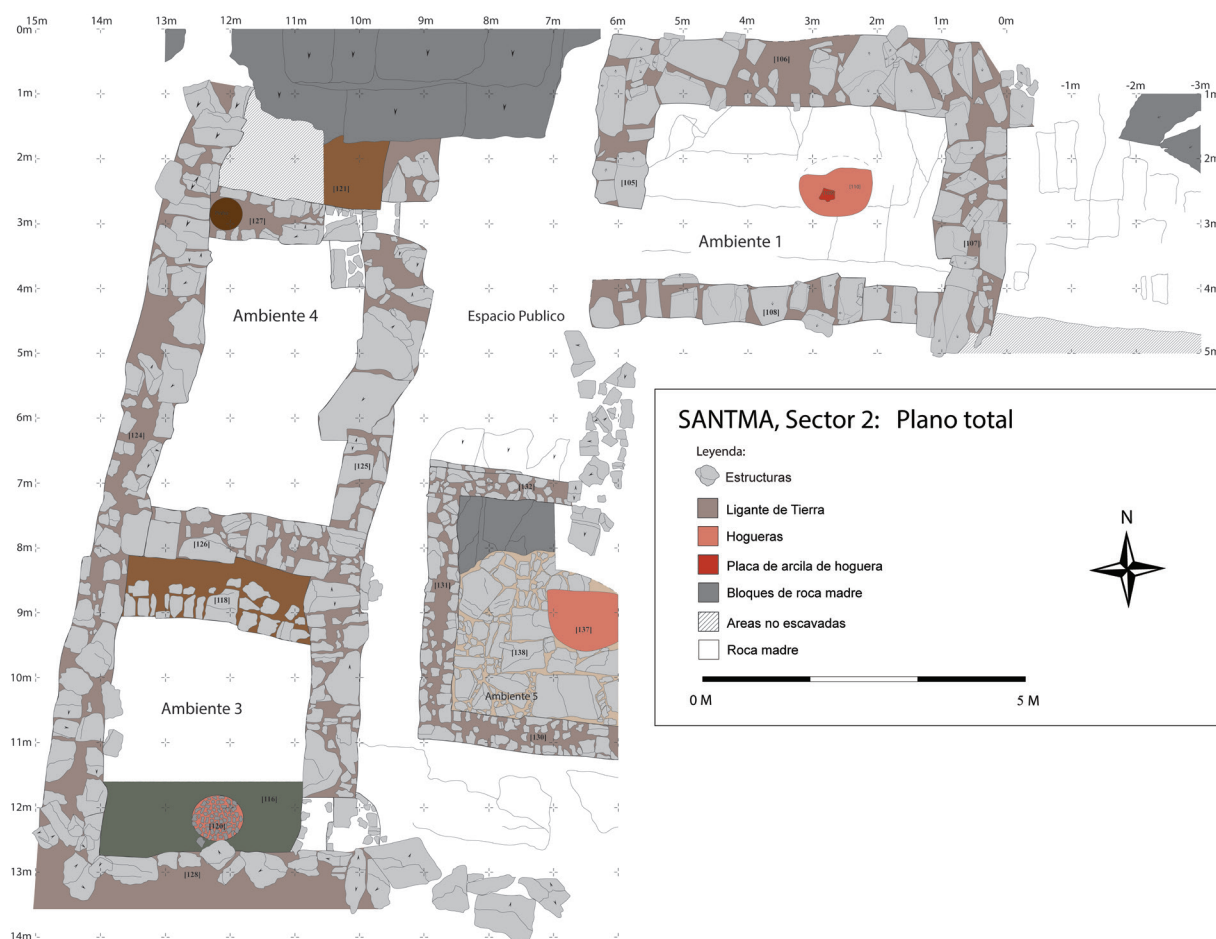


Fig. 2 - Planta das estruturas registadas no Sector 2 de Cáceres Viejo de Santa Marina.

Todavia, a arquitectura visível em Cáceres el Viejo de Santa Marina não se resume unicamente a espaços habitados, muitos dos quais aproveitam as formações geológicas naturais na sua construção (Pereira, 2017: 38-39, fig. 5). Próximo ao cume do cerro, do lado Norte, podem encontrar-se troços lineares de aglomerados de pedra que parecem ter funcionado como estruturas defensivas. Além de estas terem sido implantadas justamente no lado mais desprotegido, serpenteiam o cerro aproveitando as cristas rochosas que ofereciam uma evidente defensabilidade natural. De facto, o acesso ao topo da serra somente era possível pela vertente Norte, sendo plausível que os acessos ao assentamento aí se localizem.

Estas evidências, mais uma vez, não transparecem um evidente cuidado na sua construção e, na maioria dos casos, não recorreram sequer à utilização de um ligante que mantivesse a integridade das estruturas. Se, por um lado, estes indícios podem ser um argumento a favor de que o assentamento foi construído num curto espaço de tempo, por outro, é difícil, para não dizer impossível, determinar se essa situação se deveu a uma imposição da conjuntura da época ou se foi determinada pelo facto de os seus ocupantes saberem, à partida, que o local seria ocupado por pouco tempo.

Apesar da extensão já escavada, sobretudo no Sector 2, o volume de materiais não é elevado, somando cerca de uma centena de artefactos. Todavia, a pouca quantidade de materiais é compensada pelo seu elevado estado de conservação, estando muitos dos recipientes notavelmente completos. Esta situação coloca igualmente algumas questões de difícil resposta, parecendo evidente, ainda assim, que o sítio foi abandonado de forma programada. Até ao momento, nenhum indício aponta que o seu abandono tenha sido apressado, já que parece evidente que os seus ocupantes recolheram os bens que seriam úteis, tendo deixado para trás unicamente os que foram descartados. Neste sentido, embora o grosso do conjunto corresponda a cerâmicas comuns de fabrico local/regional, sendo minoritárias as de importação, estamos impossibilitados de garantir que a realidade fosse objectivamente essa.

Se as cerâmicas comuns não permitem esclarecer essa questão, falam em outro sentido, expondo as influências/preferências dos seus habitantes. Com efeito, a maioria do conjunto é claramente de tradição indígena, destacando-se mais uma vez os recipientes toneliformes, reproduzindo repertórios que têm a sua matriz em sítios a Norte do Tejo, na área da Meseta, como é o caso de Las Cogotas (Ruiz, Álvarez-Sanchís, 1995; Álvarez-Sanchís, 2011), de El Raso (Fernández, 2008), de La Mesa de Miranda (Cabré, Cabré, Molinero, 1950; Martín, Esparza, 1992; Álvarez-Sanchís, 2011) ou de Las Merchanas (Álvarez-Sanchís, 1999: 120-126; Martín, 1999; Benet, López, 2008). Grande parte destes sítios, com importantes ocupações pré-romanas, permaneceram ocupados até final do século II a.C. e início da centúria seguinte.

Dos sítios mencionados, destacamos El Raso de Candeleda (Fernández, López, 1990; Fernández, 2011), local com o qual, além de aí se ter identificado a produção deste tipo de recipientes, as cerâmicas de Cáceres Viejo de Santa Marina apresentam fortes afinidades, concretamente com as da fase III, datada da primeira metade do século I a.C. Esta situação pode ser argumento de eventuais relações, comerciais ou políticas, entre os aglomerados localizados a Norte do Tejo até, pelo menos, à viragem do século II para o I a.C.

Tendo em mente, ainda assim, que o sítio pode ter sido abandonado premeditadamente, em contrapartida os recipientes registados não são comparáveis com o conjunto da mesma categoria identificado no acampamento militar de Cáceres el Viejo, ainda que neste também se tenham registado algumas cerâmicas de tradição ibérica (Ulbert, 1984: 174-176), mas que actualmente sabemos corresponderem apenas a uma pequena percentagem³. Apesar disso, esta situação não é atípica nem inédita em contextos desta natureza e cronologia, pois esta coexistência é particularmente notada no centro da Península Ibérica (Blanco, 2017: 146; Hernández, Martín, 2017: 313-315), mas igualmente no Sul (Berrocal-Rangel, 1989; 1994; Adroher, 2014: 282-283).

Ainda que a presença de artefactos importados seja bastante diminuta, não excluimos que esses tenham sido levados pelos habitantes quando o local foi abandonado. Todavia, a ser assim, também as cerâmicas comuns deveriam delatar outra realidade, como acontece no acampamento de Cáceres el Viejo. De facto, também nesse recinto militar se produziu a maioria das cerâmicas comuns, mas cujas morfologias denunciam influências claramente itálicas e da Ulterior.

Os escassos materiais importados serviram, sobretudo, para datar a ocupação de Cáceres Viejo de Santa Marina. Já fizemos menção ao numisma de prata (Pereira, 2017: 41, fig. 8), que permitiu demarcar uma datação *post quem*, mas devemos igualmente referir a recolha de um fragmento de bordo de uma ânfora de tipo Ovóide 4, produzida no vale do Guadalquivir (Pereira, Dias, 2020: 106, fig. 7), cujo arranque da produção tem sido considerada a partir de início da década de 70 a.C. (García, 2012: 177-205; García, Almeida, González, 2011: 224).

³ Estudo realizado pelo professor Luís Barrocal-Rangel, que será integrado na monografia dedicada ao acampamento militar romano, que está a ser preparada.

Além da arquitectura, do tipo de implantação do assentamento e da presença de estruturas defensivas sem aparente precedente pré-romano, também os artefactos promulgam uma eventual ocupação militar. A recolha de um conjunto de sete *glandes plumbeae*, acumuladas num espaço concreto do compartimento 3, demonstra que estavam aí colocadas intencionalmente e destinadas a uma eventual utilização. Trata-se de projecteis de chumbo, com pesos que variam entre as 39 e as 53 g, com uma média de 43,8 g, possivelmente fabricados mediante a técnica de fundição (Völling, 1990: 40-41), e cabem nos tipos Ia e Ic definidos por Thomas Völling (ibid.: 34-35) aos que o autor atribuiu uma cronologia dos séculos II e I a.C. Como foi já referido, com base em informações literárias, o peso destes projecteis estaria relacionado com a distância que se pretendia alcançar (Völling, 1990: 36), situação que pode ser intuída para conjuntos que transparecem uma considerada variabilidade de pesos (Mataloto, 2014: 358-359; Pereira, 2018: 140-142). Ainda assim, este conjunto oferece pesos ligeiramente abaixo da média, a qual rondaria as duas onças (54,6 g) e cujo alcance poderia atingir os 50 ou 60 m (Fontenla, 2005: 69-70). Não conservam rebarbas, mas, globalmente, ostentam em uma das extremidades um oco que sugere terem sido, de facto, fabricadas em molde de tipo “ramo de uvas”.

Este conjunto de projecteis ostenta uma forte oxidação, provavelmente devida à elevada lixiviação do solo, o que impede verificar se conservam vestígios de impactos, que permitiria determinar se foram reaproveitadas ou se estavam por utilizar. Por outro lado, não foi registado qualquer indício de que possam ter sido fabricadas no local, o que reforçaria uma eventual função militar do assentamento, como foi sugerido para outros casos (Poux, Guyard, 1999: 29; Mataloto, 2014: 348; Fabião, Pereira, Pimenta, 2015: 128). Pelo contrário, a sua acumulação num determinado espaço é uma realidade semelhante à que foi documentada na Lomba do Canho (Guerra, 1987: 171-172).

Os projecteis de chumbo não foram, porém, os únicos identificados em Cáceres Viejo de Santa Marina. No Sector 2 foi recolhido um total de sete projecteis esféricos de pedra, com diâmetros que variam entre 6 e 10 cm, que estavam dispersos por todos os espaços em que se escavou. Estes elementos são abundantes nas imediações do cerro, mormente na área do Valle de los Muertos, por onde passou a Via da Prata e de onde serão provenientes. Elementos de arremesso deste tipo foram também documentados em Numância (Menéndez, 1962: 175-176, fig. 130) e em Monte Bernorio (Torres-Martínez, Martínez, Pérez, 2013: 66, fig. 5), tendo-se identificado igualmente no recinto militar de Cáceres el Viejo. Os raros exemplares deste acampamento oferecem dimensões e peso similar, que ronda as 500 g, parecendo evidente que não se destinavam a ser lançados com recurso a funda.

Apesar do que se expôs, somos obrigados a reconhecer que faltam outros argumentos que falem em favor de uma ocupação militar, o que seguramente se deve ao facto de o local ter sido abandonado de forma programada e de corresponder a uma ocupação que não seguiu os padrões oficiais de um corpo militar regular. Todavia, não parece sensato falar deste importante sítio sem que se analise em amplitude a orografia do terreno e a ocupação de uma área mais vasta. Como dissemos, desde o início chamou a atenção o facto de este local se implantar a Sul do Sistema Central, a uma altura que não é a norma em assentamentos com esta cronologia. Por este motivo, os trabalhos desenvolvidos na área contemplaram também a realização de prospecções ao longo da cordilheira.

A orografia nesta área oferece duas realidades consideravelmente dispare, a Sul e a Norte, separadas por este maciço. A Sul é visível a peneplanície de Trujillo-Cáceres, atravessada pelo Tejo, onde domina uma paisagem eminentemente plana, árida, com suaves ondulações interrompidas casualmente por pequenas elevações de quartzito, é o caso daquela onde se implantou a cidade de Cáceres, ou por profundos vales, como o do rio Almonte ou do Tejo. A Norte a paisagem é completamente distinta, característica de um relevo muito irregular, formado por elevações entre os 500 e os 800 m de altura, que se vão fundir com as do Sistema Central. A cordilheira que antecede este Sistema, na qual

se encontra Cáceres Viejo de Santa Marina, representa a primeira barreira de um território de difícil transito e de densa vegetação. Desde a fronteira com Portugal, na área de Monfortinho, está composta pelas serras de Garrapata, la Solana, Sierra Grande, del Arco e de Santa Marina, a partir da qual se divide em duas formações geológica paralelas que se bifurcam sucessivamente, correspondentes ao Parque Natural de Monfragüe, que acabam por se fundir aos montes de Guadalupe e de Toledo.

Reparamos, pois, que esta orografia forma um relevo linear praticamente continuo (fig. 3), desde Aldeia do Bispo, a Norte de Idanha-a-Velha, até às formações da Serra de Guadalupe. As peneplanícies de Trujillo-Cáceres dão lugar, a partir daí, a um terreno visivelmente irregular que, embora se identifiquem algumas zonas mais regulares, como o Campo Arañuelo, acabam por se massificar no Sistema Central.

Na Antiguidade esta formação, juntamente com o Tejo, deverá ter sido relevante, quer enquanto marco da paisagem quer como “zona de fronteira”. Aliás, a proliferação de abundantes sítios arqueológicos no cume e na base destas serras é prova disso (fig. 1). Na envolvente imediata à Serra de Santa Marina encontramos alguns sítios que aí se implantaram devido às características do terreno, mas também devido à proximidade do Caminho da Prata. Esse terá sido, eventualmente, o caso do sítio que já comentámos, o Cerro de los Castillejos, também conhecido como Castillo de Cañaveral (Alonso, 1988: 59), implantando numa pequena elevação sobranceira àquele caminho.



Fig. 3 - A cordilheira que antecede o Sistema Central vista desde a Sierra del Arco, com localização de Cáceres Viejo. Sentido Oeste/Este.

Um pouco mais afastado, implantado no sopé da serra de Santa Marina, encontramos outro sítio para o qual, infelizmente, não conhecemos muitas informações. Sabe-se que foi “explorado” pelo reverendo Enrique Escribano, nos anos 50, e que daí terá resultado a recolha de abundante espólio. Sobre a cronologia e tipologia da ocupação nada sabemos, além de que são ainda visíveis estruturas no terreno, concretamente na área do Alto del Campillo. No imaginário popular este local ficou conhecido como “Casa del Pretor”, para o qual seguramente terão contribuído as informações transmitidas por Públio Hurtado (1927: 268), assim como o facto de oferecer a mesma toponímia que o acampamento militar escavado por Adolf Schulten (1918).

Com efeito, esta situação tem gerado confusões entre a toponímia local e os vestígios arqueológicos, sobretudo a partir da publicação de Gervasio Velo y Nieto (1968: 659-660), que referiu as recentes escavações de Enrique Escribano, mas que confundiu a designação do local onde se realizaram com a do sítio referido por Públio Hurtado. Mas se a designação popular do sítio do Alto del Campillo pode remeter para uma ocupação militar antiga, essa situação vê-se contrariada pela recolha de alguns numismas na área, que foi realizada pelo proprietário do terreno. Tivemos a oportunidade de ver alguns desses numismas⁴ ficando claro que se trata de exemplares tardios, dos séculos IV e V, sendo um deles uma Maiorina de Arcádio (RIC IX, 27b-1), cunhada em Heracleia entre 392 e 395 d.C.

Embora estes sítios arqueológicos se localizem no sopé da cordilheira descrita, outros foram implantados no cume das serras: é o caso de Santa Marina, do Cerro de los Cenizos e, eventualmente, Silleta de Cañaveral. Todos estes sítios têm em comum com Cáceres Viejo de Santa Marina, para além do tipo de implantação, o facto de oferecerem o mesmo tipo de vestígios arqueológicos, concretamente espaços bem definidos com a mesma área de utilização. Não é improvável que se trate de assentamentos contemporâneos, estrategicamente implantados e com contacto visual entre si, com funções militares ou, pelo menos, de controle do território. Todavia, a tipologia e cronologia dessas ocupações somente poderão ser confirmadas com a realização de trabalhos arqueológicos.

3. ZONA ESTRATÉGICA ENTRE A PLANÍCIE E A SERRA

Esta região, atravessada pelo Tejo e pelas elevações naturais que antecedem o Sistema Central, representou, ao longo do tempo, uma barreira natural que dificultou consideravelmente o avanço militar em ambos sentidos. Essa situação está documentada durante o processo de expansão muçulmana na actual Extremadura (Pachecho, 1991: 34-36; Manzano, 1991: 188-189; García, 2007: 93-94 e 98), mas é particularmente bem conhecida durante o processo de Reconquista (Clemente, Montaña, 1994: 83-84; 2000: 14-15; Ríos, 2019: 40), cujo avanço militar esteve parado nesta região durante bastante tempo.

Reforçava esta “zona de fronteira” o facto de o Tejo oferecer apenas um ponto de passagem com um vau relativamente baixo e margens mais acessíveis, facilitando o seu controlo, justamente o local onde se viria a edificar a ponte romana de Alconétar (López-Menchero, 2011: 17; Pizzo, 2016), que servia o Caminho da Prata. Com efeito, o percurso mais directo desde *Norba* a *Salmantica* era justamente aquele que passava pelo vau de Alconétar e pelo Puerto de los Castaños (Roldán, 1971; 1975; 2007; Gil, 2012: 10), traçado que também o Caminho Real seguiu, ainda que com algumas diferenças substanciais (Castro, Valiente, 2016).

É evidente, portanto, que também na Antiguidade esta configuração orográfica deverá ter desempenhado funções diversas de defesa, obstáculo ou controlo do território em caso de instabilidade política e/ou militar, da mesma forma que podiam assumir funções de contacto intercultural (López, Sánchez, García, 1984: 290). Estas características do terreno podem, além disso, ser a justificação para o facto de esta região ter sido palco de sucessivas ocorrências militares durante o processo de conquista romana, mas que, a partir de determinado momento, deverão ter tido o Tejo como limite (Roldán, 2007: 332-333).

Algumas dessas situações podem corresponder-se com a campanha de 179 a.C. de L. Postúmio Albino, eleito pretor o ano anterior, e que teve como objectivo uma incursão a território dos Váceos (Roldán, Wulff, 2001: 155-158), ou a que foi realizada mais tarde, em 151 a.C., por L. Licínio Luculo, durante a qual *Cauca* foi tomada (Blanco, 2015). Estas primeiras incursões a Norte do Tejo não demonstram, contudo, que essa região estaria sob a égide de Roma, além de que as “zonas de fronteira”, neste período, eram consideravelmente turvas e vastas.

⁴ Agradecemos a Don Jesús Carlos Rodríguez Rodríguez que gentilmente nos facilitou o acesso aos materiais.

A região volta a ser mencionada pela literatura clássica no âmbito das acções militares lideradas por Quinto Servílio Cipião, realizadas em 139 a.C., que penetraram em território vetão (Ruiz, Álvarez-Sánchez, 2002), não sem antes garantir uma adequada segurança de retaguarda, assentando o acampamento correspondente a *Castra Serviliana*, ou o abastecimento do contingente militar realizado, segundo opinião de alguns investigadores, a partir do litoral meridional (*Turris Caepionis*) e do atlântico (*Castra Caepiana*) (Roldán, Wulff, 2001: 86-90). Para este caso, porém, um trabalho posterior sugeriu, apoiado nos dados arqueológicos do sítio, que o local tenha sido fundado pelo seu descendente, pretor em 109 a.C. (Guerra, 2004: 233).

O bronze de Alcântara permite assumir que a região a Sul do Tejo estaria submetida a partir de 104 a.C. (López, Sánchez, García, 1984), ou pelo menos controlada, já que poucos anos depois também Licínio Crasso estabeleceu um acampamento na região, na década de 90 a.C. (Beltrán, 1973-74; 1976; Cadiou, 2003: 85). Todavia, durante o seu governo na Ulterior não se narraram acções ou eventos militares relevantes, o que, juntamente ao facto de lhe ter sido repetidamente renovado o cargo provincial durante cinco anos, demonstra que Roma já manifestava os efeitos das convulsões sociais e políticas que advieram (Mantas, 2015: 337-336). Talvez também por este mesmo motivo, não temos informações sobre as actividades praticadas nesta região na década seguinte, coincidente com a Guerra Social e os primeiros impactos militares da primeira Guerra Civil Romana, entre cinanos e silanos (Mantas, 2015: 337-347; Heredia, 2017; Carlà-Uhink, 2019).

A descrição destes eventos, ainda que em alguns deles se narrem incursões para lá do grande Rio (Livy 40.17), demonstram que, efectivamente, a dupla barreira natural (Tejo e cordilheira que antecede o Sistema Central) retardou consideravelmente o eficaz processo de conquista a Norte do Tejo. Situação diferente, porém, deve ser a que sucedeu à Guerra Social e Civil e teve a Península Ibérica como palco – a guerra sertoriana. Embora esta região possa ter permanecido como uma “zona de fronteira”, o processo de “romanização” é agora uma realidade bissectada exercida por duas facções políticas e militares que se enfrentam.

A guerra sertoriana corresponde a um fenómeno consideravelmente complexo (Morillo, Sala, 2019: 50-51), no qual romanos enfrentam romanos, podendo-se considerar eventos militares específicos em distintos momentos e em distintas regiões (Morillo, 2014: 48). Com efeito, para Sertório a Hispânia serviu como cenário bélico, como centro de comando e facilitou os meios (humanos e materiais) para encetar a luta pelo poder (Matyszak, 2013: 68-72). As informações literárias sobre este episódio são mais abundantes, sobretudo sobre o seu oponente, Q. Cecílio Metelo, mas isso não se reflecte numa interpretação fácil dos vestígios arqueológicos, como é o caso em estudo, situação dificultada por vários motivos que já foram detalhados (Morillo, 2014; Morillo, Sala, 2019).

Apesar disso, importa lembrar algumas questões que contribuem para a dificuldade em interpretar ou associar vestígios arqueológicos a este episódio. Além de, como foi dito, este conflito se caracterizar por um enfrentamento entre romanos, a presença de militares indígenas em ambos exércitos contribuiu para uma fusão heterodoxa da cultura material, mas sobretudo das tácticas de guerra e da disciplina militar. Esta situação deveria ser particularmente evidente nas fileiras do exército sertoriano, maioritariamente composto por militares indígenas, além de que, por inferioridade numérica e táctica nativa, recorriam frequentemente à técnica de guerrilha (Cadiou, 2004).

Após estes apontamentos, que serão relevantes na compreensão do tipo de assentamento em análise, centremo-nos novamente na região que nos ocupa. Ainda que não saibamos exactamente qual seria a localização do exército de Sertório no início do conflito, tem-se assumido que estaria na parte oriental da Lusitânia (Chic, 1986; García, 1991: 65; Salinas, 2006: 157), justamente a região onde a literatura clássica coloca o contingente de Metelo.

Com a chegada do general romano, no ano de 79 a.C., Sertório viu-se obrigado a uma tática claramente de defesa, tendo-se refugiado, segundo García Morá (1991: 84), na área delimitada entre o Tejo e o Douro. Ainda que não possamos descartar por completo esta posição, o certo é que outras vozes reclamaram uma posição mais a Sul (Pérez, 2000, Salinas, 2006; Heras, 2018: 84-85), na esteira do que Schulten havia defendido (1928) e apoiados nas indicações de Salústio, que fez referência às acções militares de Metelo (*Hist.* I.101-121). Perante a situação geográfica descrita e a sua relevância ao longo do tempo, é plausível que, na fase inicial do conflito, a “zona de fronteira” entre ambos exércitos estivesse nesta região, já que o recinto militar de Cáceres el Viejo foi considerado uma fundação de Metelo (Madoz, 1846, Tomo V: 87; Schulten, 1937: 173) e que aquele autor clássico informa que o general romano terá realizado incursões até ao Tejo sem, contudo, afirmar que o transpôs (Heras, 2018: 85). Mais complexa é a relação de *Caecilio Vico* com as movimentações de Metelo (Roldán, Wulff, 2001; Roldán, 2007: 333), localizada em Puerto de Béjar, *mansio* assim denominada inicialmente por Blázquez (1920) e Besnier (1924), mas que já foi considerada como *Caelionico* (Roldán, 1975: 225; Fernández, Morillo, Gil, 2012: 166-167).

Se conciliarmos todos os dados até agora descritos, incluídos os de Cáceres Viejo de Santa Marina, não parece descabido ponderar que este assentamento tenha cumprido funções no âmbito destes conflitos. Além de alguns artefactos delatarem actividades militares, a cultura material contrasta fortemente com a do recinto militar de Cáceres el Viejo e a sua implantação pode ser considerada resultado da tática de guerrilha. Da mesma forma que esta região terá representado uma área de fronteira durante o processo de conquista, realidade que pode ser contrastada entre os sítios a Norte (Rio-Miranda, Iglesias, 2002; Fernández, López, 1990) e a Sul do Tejo (Sánchez, 1979; Esteban, Salas, 1988; Ongil, 1992; Redondo, Esteban, Salas, 1992; Alonso, 1992; Heras et al., 2003; Hernández, Martín, 2017), e também o foi em época medieval (García, 2007: 93-94 e 98; Clemente, Montaña, 1994: 83-84; 2000: 14-15; Ríos, 2019: 40), é credível pensar que durante o conflito sertoriano terá desempenhado funções idênticas.

Apesar do que foi considerado, devemos admitir que as posições militares nunca eram rígidas, já que a literatura esclarece sobre a frequente realização de incursões de ambos exércitos em território inimigo (Curchin, 1997: 68; Pereira, Dias, 2020: 118). Por outro lado, evidentemente que “as linhas de frente de conflito” eram móveis (Cadiou, 2008: 411-416), transferindo-se consoante as vitórias e o número de contingentes de cada exército. No entanto, estas posições podiam fortalecer-se dependendo da região e dos relevos naturais que cada exército dominasse, motivo pelo qual, mesmo aceitando que não existiam “linhas de fronteira” (Cadiou, 2008: 411-416; Heras, 2018: 62), seguramente existiram “zonas de fronteira” (Curchin, 1997: 68) que tinham na sua retaguarda bases militares que reforçavam o controlo e garantiam a logística aos contingentes na região.

As actividades militares nesta zona não cessaram, contudo, com os conflitos sertorianos. Com efeito, anos mais tarde, durante o governo de Júlio César na Ulterior e com o objectivo de pôr fim às incursões de vetões e lusitanos, foram realizadas campanhas entre o Tejo e o Douro, obrigando os habitantes dessa região a descer dos *oppida* para zonas mais planas (Álvarez-Sanchís, 2010: 276). Estas referências demonstram que, embora estes aglomerados gozassem já de um evidente desenvolvimento resultante da conquista (Álvarez-Sanchís, 2003: 141-145), as comunidades a Norte do Tejo ainda não estavam plenamente controladas. Apesar disso, tem-se considerado que a economia indígena e a sua organização política haviam sido paulatinamente substituídas pelo centralismo romano (Salinas, 2001; Álvarez-Sanchís, 2016: 41).

Tal como foi já sublinhado (Álvarez-Sanchís, 2010: 276), se, por um lado, estas acções, de proibição de defesas e coacção de instalação nas planícies, tiveram um considerável impacto na rede de povoamento, por outro, não podemos atribuir essa responsabilidade unicamente a causas e efeitos

militares. Além de que nem todos os *oppida* foram abandonados neste momento (El Raso somente é abandonado em meados/terceiro quartel do século I a.C.), não é improvável que estas trasladações fossem efectivadas por iniciativa indígena de forma a aproximarem-se de recursos agrícolas e mineiros, mas também dos circuitos de abastecimento controlados pelo exército e incentivada pela maior demografia (Álvarez-Sanchís, 2011: 173-174).

A Guerra Civil que enfrentou cesarianos e pompeianos é outro episódio que não pode ser ignorado, mas para o qual, infelizmente, temos poucas informações para esta região. Alguns indícios apontam a Extremadura como uma das áreas onde os exércitos terão circulado (Caes. *BCiv.* I.38) que, considerando igualmente o achado de um tesouro numismático em El Raso (Álvarez-Sanchís, 2016: 41), indicam que esta região era consideravelmente insegura neste momento. Além disso, deve ter-se ainda em conta os indícios da política urbanizadora e territorial cesariana na região, concedendo estatuto colonial a *Metellinum* e estabelecendo *Norba Caesarina* (Salas, 1996; Roldán, 2007: 333-334; Edmondson, 2011: 38-42; Guerra, Collado, Pérez, 2014). Apesar do que foi dito, neste momento não parece que a área em questão, entre o vale do Tejo e o Sistema Central, correspondesse a uma “zona de fronteira”.

4. REFLEXÕES FINAIS

Determinar com precisão o momento, a função e a ocupação de Cáceres Viejo de Santa Marina é uma tarefa difícil com os dados que possuímos até ao momento. Esperamos que futuros trabalhos possam vir a reunir mais dados e argumentos *ante e post quem*. Apesar disso, é possível colocar como hipótese que o assentamento deva ter existido durante o segundo quartel do século I a.C., apoiados nos materiais que foram recolhidos durante duas campanhas de escavação (Pereira, 2017; Pereira, Dias, 2020).

Outros indícios falam acerca do tipo de ocupação, pois as características da implantação não parecem relacioná-lo com um aglomerado civil, mas sim com uma ocupação estratégica. Todavia, essa estratégia poderia estar relacionada não apenas com o controlo do Caminho da Prata, mas também tirando partido da orografia desta região, que resulta numa barreira natural que deveria ser difícil de transpor e essencial para o controlo do território.

A eventual utilização desta “muralla natural” pode ter estado relacionada com um obstáculo ao avanço do exército senatorial, estacionado na zona a partir de 79 a.C., situação que permite ter em conta a proposta de García Morales (1979), quando propôs tratar-se de um posto avançado de Cáceres el Viejo. No entanto, quando comparamos ambos estabelecimentos verificamos que oferecem vestígios contrastantes: na cultura material, na arquitectura, mas sobretudo nos critérios de implantação. Com efeito, nem os repertórios, nem as pastas das cerâmicas se aproximam, patenteando distintas origens e influências. Pensamos que, no caso de Cáceres Viejo de Santa Marina, a sua relação deva ter sido mais próxima com os sítios a Norte do Tejo (Pereira, Dias, 2020: 119-120), enquanto o recinto militar localiza-se mais a Sul delata claras relações com a Ulterior.

Atendendo à proximidade temporal, não devemos desconsiderar, ainda assim, uma relação do sítio com as circulações militares realizadas em 61 a.C., entre o Tejo e o Douro, durante o governo de Júlio César na Ulterior (Novillo, 2010: 212-213), tendo como objectivo anular as incursões de Vetões e Lusitanos e obrigar os habitantes dos *oppida* a fixar-se em zonas planas. Não obstante, não podemos atribuir essa responsabilidade unicamente a causas e efeitos militares, já que nem todos os *oppida* foram abandonados neste momento e nem todas as trasladações podem ser atribuídas às acções militares cesarianas (Álvarez-Sanchís 2011: 173-174).

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho somente foi possível graças aos trabalhos de campo realizados na propriedade de Don Jesús Carlos Rodríguez Rodríguez e sua família que, após ouvir pacientemente as justificações de um amante do património arqueológico, compreendeu a importância do sítio e nos deu total acesso ao terreno.

À UNIARQ, pelo apoio prestado que representou uma ajuda imprescindível na ausência de respostas a pedidos de cooperação para a investigação e divulgação do património extremenho, tendo a maioria do financiamento sido suportado por expensas próprias.

Um especial agradecimento, também, aos colegas e amigos que desinteressadamente me ajudaram a realizar as intervenções: Íris Dias, João Gomes, Cristina Rojo, José Tena, Alexia Mena e Liliana Teles, a todos um muito bem-haja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADROHER AUROUX, A. (2014): Cerámica Gris Bruñida Republicana (GBR): el problema de las imitaciones en ceramología arqueológica, in R. MORAIS; A. FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ; M. SOUSA (eds.), *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia* (Braga, 2013). Monografías Ex Officina Hispana II. Porto: 281-290.
- ALAPONT MARTÍN, L.; CALVO GÁLVEZ, M.; RIBERA I LA-COMBA, A. (2010): *La destrucción de Valentia por Pompeyo*. Quaderns de Difusió Arqueològica 6. Valencia.
- ALONSO SÁNCHEZ, A. (1988): *Fortificaciones romanas en Extremadura: la defensa del territorio*. Cáceres.
- ALONSO SÁNCHEZ, A. (1992): El fortín romano del “Castillo del Puerto”, Cáceres. El control del territorio. *Extremadura Arqueológica* 2: 417-430.
- ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. (1999): *Los Vettones*. Madrid.
- ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. (2003) - *Los Señores del Ganado*. *Arqueología de los pueblos prerromanos en el occidente de Iberia*. Madrid.
- ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. (2010): La cerámica con decoración a peine: de “fósil guía” a indicador de etnicidad, in F. ROMERO CARNICERO; C. SANZ MÍNGUEZ (eds.), *De la Región Vaccea a la Arqueología Vaccea* (Valladolid, 2009). *Vaccea Monografías* 4. Valladolid: 293-318.
- ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. (2011): Ciudades vettonas. *Complutum* 22: 147-184.
- ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. (2016): Tiempos revueltos (400-50 a.C.): Los Castros de Ávila y sus defensas. *Castillos de España* 179-181: 31-42.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1973-74): Problemas de la arqueología cacereña: el campamento romano de Cáceres el Viejo (Cáceres): Estudio numismático. *Numisma* 23-24: 255-310.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1976): La cerámica del campamento de Cáceres el Viejo (Cáceres), in *V Congreso de Estudios Extremeños: Ponencias VII y VIII*, *Arqueología y Arte Antiguo* (Mérida-Badajoz, 1974). Cáceres: 3-22.
- BENET JORDANA, N.; LÓPEZ JIMÉNEZ, O. (2008): Investigaciones recientes en la Edad del Hierro en Salamanca y la Beira Alta: los castros del occidente, in J. ÁLVAREZ-SANCHÍS (eds.), *Arqueología Vettona. La Meseta Occidental en la Edad del Hierro*. Zona Arqueológica 12. Alcalá de Henares: 162-181.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1989): El asentamiento “céltico” del Castrejón de Capote (Higuera la Real, Badajoz). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid* 6: 245-295.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1994): *Oppida* y castros de la Beturia céltica. *Cumplutum* Extra 4: 189-241.
- BESNIER, M. (1924): Itinéraires épigraphiques d’Espagne. *Bulletin Hispanique* 26,1: 5-26.
- BLANCO GARCÍA, J. (2015): Sobre la ubicación del campamento de Lúculo durante el asedio de *Cauca* del 151 a.C. y las posiciones de Pompeyo Magno en la destrucción del 74 a.C. *Oppidum, Cuadernos de Investigación* 11: 19-30.
- BLANCO GARCÍA, J. (2017): Cerámica común romana altoimperial de cocina y mesa, de fabricación local, en la Meseta, in C. FERNÁNDEZ OCHOA; A. MORILLO Cerdán; M^a ZARZALEJOS PRIETO (coord.), *Manual de cerámica romana III: cerámicas romanas de época altoimperial III: cerámica común de mesa, cocina y almacenaje, imitaciones hispanas de series romanas, otras producciones*. Alcalá de Henares: 143-236.
- BLÁZQUEZ Y DELGADO-AGUILERA, A. (1920): Cuatro téseras militares. *Boletín de la Real Academia de la Historia* 77: 99-107.
- BLÁZQUEZ CERRATO, C. (2014): Huellas militares numismáticas en el occidente peninsular, in F. CADIOU; M. NAVARRO CABALLERO (coord.), *La guerre et ses traces: Conflits et sociétés en Hispanie à l’époque de la conquête romaine (III^e-I^{er} s. av. J.-C.)*. Mémoires 37. Bordeaux: 415-428.
- CABRÉ AGUILÓ, J., CABRÉ DE MORÁN, M^a; MOLINERO PÉREZ, A. (1950): *El Castro y la Necrópolis del Hierro Céltico de Chamartín de La Sierra (Ávila)*. Acta Arqueológica Hispánica V. Madrid.
- CADIOU, F. (2003): Garnisons et camps permanents: un réseau défensif des territoires provinciaux dans l’Hispanie républicaine?, in A. MORILLO Cerdán; F.

- CADIOU, D. HOURCADE (eds.), *Defensa y territorio en Hispania : De los Escipiones a Augusto* (Madrid, 2001). León-Madrid: 81-100.
- CADIOU, F. (2004): Sertorius et la guérilla, in CL. AULIARD; L. BODIU (dir.), *Au jardin des Hespérides. Histoire, société et épigraphie des mondes anciens*. Mélanges offerts à Alain Tranoy. Rennes: 297-314.
- CADIOU, F. (2008): *Hibera in terra miles: Les armées romaines et la conquête de l'Hispanie sous la république (218-45 av. J.-C.)*. Madrid.
- CARLÀ-UHINK, F. (2019): (Re-)Founding Italy: The Social War, its aftermath and the construction of a roman-italic identity in the Roman Republic. *History in Flux* 1,1: 3-19.
- CASTRO CASTILLO, M^a; VALIENTE LOURTAU, A. (2016): El paso del Camino Real por el municipio cacereño de Cañaveral: un desvío medieval de la Vía de la Plata, in F. LORENZANA DE LA PUENTE; R. SEGOVIA SOPO (coord.), *XVI Jornada de Historia de Fuente de Cantos* (Fuente de Cantos, 2015). Badajoz: 193-222.
- CERRILLO MARTÍN DE CÁCERES, E. (2004): La Vía de la Plata en Extremadura. Observaciones históricas y arqueológicas, in J.-G. GORGES; E. CERRILLO MARTÍN DE CÁCERES; T. NOGALES BASARRATE (eds.), *V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana: las comunicaciones* (Cáceres, 2002). Madrid: 177-194.
- CERRILLO MARTÍN DE CÁCERES, E.; MONTALVO FRÍAS, A. (2009): La Vía de la Plata en Extremadura: de *Augusta Emerita* a *Caecilius Vicus*, in A. MONTALVO FRÍAS (coord.), *La Vía de la Plata. Una calzada y mil caminos*. Catálogo de Exposición (Mérida, 2008). Madrid: 49-57.
- CHIC GARCÍA, G. (1986): Q. Sertorius, procónsul, in G. FATÁS CABEZA (dir.), *Epigrafía hispánica de época Romano-Republicana* (Zaragoza, 1983). Zaragoza: 171-175.
- CLEMENTE RAMOS, J.; MONTAÑA CONCHIÑA, J. (1994): La Extremadura cristiana (1142-1230). Ocupación del espacio y transformaciones socioeconómicas. *Historia, Instituciones, Documentos* 21: 83-124.
- CLEMENTE RAMOS, J.; MONTAÑA CONCHIÑA, J. (2000): Repoblación y ocupación del espacio en Extremadura (1142-C. 1350), in J. CLEMENTE RAMOS; J. MONTAÑA CONCHIÑA (coord.), *Actas de las I jornadas de historia medieval de Extremadura* (Cáceres, 1998). Cáceres: 13-40.
- CURCHIN, L. (1997): Roman frontier concepts in the Spanish interior: configuration and ideology, in W. GROENMAN-VANWAATERINGE; B. VAN BEEK; W. WILLEMS; S. WYNIA (eds.), *Roman Frontier Studies 1995: Proceedings of the XVIth International Congress of Roman Frontier Studies* (Rolduc, 1995). Oxbow Monograph 91. Oxford: 67-71.
- EDMONSON, J. (2011): "A Tale of Two Colonies": *Augusta Emerita* (Mérida) and *Metellinum* (Medellín) in Roman Lusitania, in R. SWEETMAN (eds.), *An offprint from Roman Colonies in the First Century of their Foundation*. Oxford: 32-54.
- ESTEBAN ORTEGA, J.; SALAS MARTÍN, J. (1988): 1ª campaña de excavaciones en el Castro de "El Castillejo" de Santiago del Campo (Cáceres). *Extremadura Arqueológica* 1: 129-142.
- FABIÃO, C.; PEREIRA, T.; PIMENTA, J. (2015): Coleção de metais do sítio arqueológico dos Chões de Alpompe: Santarém. *Cira Arqueologia* 4: 110-150.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F. (2008): Anatomía de un castro vettón. El Raso de Candeleda, in J. ÁLVAREZ-SANCHÍS (eds.), *Arqueología Vettona. La Meseta occidental en la Edad del Hierro*. Zona Arqueológica 12. Alcalá de Henares: 182-200.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F. (2011): *El poblado fortificado de "El Raso de Candeleda" (Ávila), el Núcleo D. Un poblado de la III Edad del Hierro en la Meseta de Castilla*. Sevilla.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F.; LÓPEZ FERNÁNDEZ, M^a (1990): Secuencia cultural de El Raso de Candeleda (Ávila). *Numantia* 3: 95-124.
- FERNÁNDEZ OCHOA, C.; MORILLO CERDÁN, A.; GIL SENDINO, F. (2012): El itinerario de barro: Cuestiones de autenticidad y lectura. *Zephyrus* 70: 151-179.
- FONTENLA BALLESTA, S. (2005): Glandes de honda procedentes de la batalla de Asso. *Alberca* 3: 67-84.
- GARCÍA-FIGUEROLA, M. (2011): El comercio en la vía de la plata durante la época romana, in M. GARCÍA-FIGUEROLA (coord.), *Historia del comercio y la industria de Salamanca y provincia. Actas de las segundas Jornadas* (Salamanca, 2011). Salamanca: 11-30.
- GARCÍA MORÁ, F. (1991): *Un episodio de la Hispania republicana: la guerra de Sertorio, planteamientos iniciales*. Granada.
- GARCÍA MORALES, F. (1979): El "otro Cáceres el Viejo", in E. CERRILLO MARTÍN DE CÁCERES; A. RODRÍGUEZ SÁNCHEZ (eds.), *Estudios dedicados a Carlos Callejo Serrano*. Cáceres: 323-334.
- GARCÍA OLIVA, M^a (2007): Un espacio sin poder: la transierra extremeña durante la época musulmana. *Studia Historica, Historia Medieval* 25: 89-120.
- GARCÍA VARGAS, E. (2012): Producciones anfóricas tardorrepublicanas y tempranoaugusteanas del valle del Guadalquivir: Formas y ritmos de la romanización en Turdetania a través del artesanado cerámico, in D. BERNAL CASASOLA; A. RIBERA I LACOMBA (coord.), *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones regionales*. Cádiz: 177-205.
- GARCÍA VARGAS, E.; ALMEIDA, R.; GONZÁLEZ CESTEROS, H. (2011): Los tipos anfóricos del Guadalquivir en el marco de los envases hispanos del siglo I a.C. Un universo heterogéneo entre la imitación y la estandarización. *SPAL* 20: 185-283.
- GIL CAMARÓN, M. (2012): La Vía de la Plata y los otros caminos que unían el mundo orientalizador y la meseta norte occidental. *El canto de la musa* 9: 1-16.
- GUERRA, A. (1987): Acerca dos projecteis para fundar da Lomba do Canho (Arganil). *O Arqueólogo Português Série IV*,5: 161-177.
- GUERRA, A. (2004): *Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7,2: 217-235.

- GUERRA MILLÁN, S., COLLADO GIRALDO, H.; PÉREZ ROMERO, S. (2014): *Metellinum*: síntesis histórica y novedades arqueológicas de esta ciudad romana, in T. NOGALES BASARRATE; M. PÉREZ DEL CASTILLO (eds.), *Ciudades romanas de Extremadura*. Studia Lusitana 8. Mérida: 195-221.
- HABA QUIRÓS, S.; RODRIGO LÓPEZ, S. (1990): La Vía de la Plata entre las mansiones de *Rusticana* y *Caecilius Vicus*: la calzada en relación con el asentamiento, in *Simposio sobre La red viaria en la Hispania romana* (Zaragoza, 1987). Zaragoza: 241-252.
- HERAS MORA, J. (2018): *La implantación militar romana en el suroeste hispano (Siglos II-I a.n.e.)*. Anejos de Gladius 18. Madrid.
- HERAS MORA, J.; GIL MONTES, J.; CÁCERES CAMPÓN, V.; CALDERÓN FRAILE, N. (2003): Poblamiento preromano y romanización: un ejemplo en torno a Talaván (Cáceres). *Norba* 16: 123-142.
- HEREDIA CHIMENO, C. (2017): The Social War as a civil war: an initial step in the analysis of its nature. *De Rebus Antiquis* 7: 18-34.
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F.; MARTÍN BRAVO, A. (2017): *Las necropolis de El Romazal y el conjunto arqueológico de Villasviejas del Tamuja (Botijal Plasenzuela, Cáceres)*. Serie Arqueología y Patrimonio 12. Madrid.
- HIPÓLITO, M. C. (1960-61): Dos tesouros de moedas romanas em Portugal. *Conimbriga* 2-3: 1-166.
- HURTADO PÉREZ, P. (1927): *Castillos, torres y casas fuertes de la provincia de Cáceres*. Mérida.
- LÓPEZ MELERO, R.; SÁNCHEZ ABAL, J.; GARCÍA JIMÉNEZ, S. (1984): El bronce de Alcántara. Una *editio* del 104 a.C. *Gerión* 2: 265-323.
- LÓPEZ-MENCHERO, V. (2011): El desplazamiento de estructuras arqueológicas en España. Trasladar para conservar, conservar para difundir. *Conservar Patrimonio* 13-14: 11-26.
- MADOZ, P. (1846): *Diccionario geográfico-estadístico-histórico de España y sus posesiones de Ultramar*. Tomo V. Madrid.
- MANTAS, V. (2015): Conflitos civis em Roma: dos Gracos a Sula, in J. BRANDÃO; F. OLIVEIRA (coord.), *História de Roma Antiga: Das origens à morte de César*. Vol. I. Coimbra: 313-361.
- MANZANO MORENO, E. (1991): *La frontera de Al-Andalus en época de los Omeyas*. Madrid.
- MATALOTO, R. (2014): A propósito de um conjunto de *glandes plumbeae*: o Castelo das Juntas (Moura) no contexto do episódio Sertoriano das Guerras Civis na margem esquerda do Guadiana, in C. FABIÃO; J. PIMENTA (eds.), *Conquista e Romanização do Vale do Tejo* (Vila Franca de Xira, 2013). *Cira Arqueologia* 3. Vila Franca de Xira: 343-384.
- MARCOS ALONSO, C. (1999): La moneda en tiempos de guerra: el conflicto de Sertorio, in *Moneda y exércits: III Curs d'Historia monetaria d'Hispania*. Barcelona: 83-106.
- MARTÍN BRAVO, A. (1995): *Las sociedades de la edad del hierro en la Alta Extremadura*. Tesis doctoral, Universidad Complutense de Madrid.
- MARTÍN VALLS, R. (1999): La Edad del Hierro, in M. SALINAS DE FRÍAS (dir.), *Historia de Salamanca. I. Prehistoria y Edad Antigua* (2ª ed.). Salamanca: 123-217.
- MARTÍN VALLS, R.; ESPARZA ARROYO, A. (1992): Génesis y evolución de la Cultura Celtibérica, in M. ALMAGRO-GORBEA; G. RUIZ ZAPATERO (eds.), *Paleoetnología de la Península Ibérica. Reflexiones y perspectivas de futuro*. Complutum 2-3. Madrid: 259-279.
- MATYSZAK, P. (2013): *Sertorius and the Struggle for Spain*. South Yorkshire.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. (1962): Las Guerras de lusitanos y celtiberos contra Roma Segundo Periodo: La Guerra Numantina (143 a 133 a. de J.C.), in R. MENÉNDEZ PIDAL (dir.), *España Romana: Historia de España*. Tomo II. Madrid: 145-186.
- MORILLO CERDÁN, A. (2014): Campamentos y fortificaciones tardorrepublicanas en Hispania. 'Calibrando' a Sertorio, in F. SALA SELLÉS; J. MORATALLA JÁVEGA (eds.), *Las guerras civiles romanas en Hispania. Una revisión histórica desde la contestania*. Alicante: 35-49.
- MORILLO CERDÁN, A.; SALA SELLÉS, F. (2019): The sertorian wars in the conquest of Hispania: from data to archaeological assessment, in A. FITZPATRICK; C. HASELGROVE (eds.), *Julius Caesar's Battle for Gaul. New Archaeological Perspectives*. Oxford: 49-72.
- NOVILLO LÓPEZ, M. (2010): La propretura cesariana en la Hispania Ulterior: "La II guerra lusitana". *Gerión* 28,1: 207-221.
- ONGIL VALENTÍN, M. (1992): Villasviejas del Tamuja (Botija, Cáceres). El poblado (1986-1990). *Extremadura Arqueológica* 2: 247-254.
- PACHECHO PANIAGUA, J. (1991): *Extremadura en los geógrafos árabes*. Badajoz.
- PEREIRA, C. (2017): Serra de Santa Marina, Cáceres Viejo (Casas de Millán, Cáceres, Espanha). Um Sítio paradigmático no contexto das Guerras Sertorianas. *Cira Arqueologia* 5: 33-54.
- PEREIRA, C.; DIAS, I. (2020): Acciones y reacciones: testimonios de los conflictos civiles romanos en Extremadura. El caso de Cáceres Viejo (Casas de Millán, Cáceres, España). *Archivo Español de Arqueología* 93: 103-126.
- PEREIRA, T. (2016): *O papel do exército no processo de romanização: a Cabeça de Vaimonte (Monforte) como estudo de caso*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/37914?locale=en>
- PÉREZ VILATELA, L. (2000): *Lusitania. Historia y etnología*. Madrid.
- PETRUȚ, D.; GUI, M.; TRINCĂ, H. (2014): Lighting Roman Military Barracks. An Interdisciplinary Approach Based on Evidence from Dacia. *Archaeologia Bulgarica* 18,3: 65-92.

- Pizzo, A. (2016): El puente romano de Alcántara: nueva documentación arqueológica y evidencias constructivas previas. *Arqueología de la Arquitectura* 13: 1-22.
- POUX, M.; GUYARD, L. (1999): Un moule a balles de fronde inscrit d'époque tardorépublicaine a Paris (rue Saint-Martin). *Instrumentum* 9: 29-30.
- PROTASE, D.; GAIU, C. (1999): Le camp romain et l'établissement civil d'Ilişua. Les résultats des fouilles archéologiques effectuées dans le courant des années 1978-1995, in N. GUDEA (eds.), *Proceedings of the XVIIIth International Congress of Roman Frontier Studies* (Zalău, 1997). Zalău: 415-429.
- REDONDO RODRÍGUEZ, J.; ESTEBAN ORTEGA, J.; SALAS MARTÍN, J. (1992): El castro de la Coraja de Aldeacentenera, Cáceres. *Extremadura Arqueológica* 2: 269-282.
- RIBERA I LACOMBA, A. (2014): La destrucción de *Valentia* (75 a.C.) y la cultura material de la época de Sertorio (82-75 a.C.), in F. SALA SELLÉS; J. MORATALLA JÁVEGA (eds.), *Las guerras civiles romanas en Hispania: una revisión histórica desde la Contestania*. Alicante: 65-77.
- RÍO-MIRANDA ÁLCON, J.; IGLESIAS RODRÍGUEZ, M^a (2002): El castro vettón del Berrocalillo (Plasencia). *Revista Ahigal* 15.
- RÍOS SALOMA, M. (2019): La frontera entre Cristiandad e Islam: un modelo para el estudio de las realidades medievales en la Península Ibérica, in J. KUME (eds.), *Beyond the Seas: a medievalists' meeting in Tokyo*. Tokyo: 37-65.
- RIPOLLÉS ALEGRE, P. (1982): *La circulación monetaria en la tarraconense mediterránea*. Tesis doctoral, Universitat de València.
- ROLDÁN HERVÁS, J. (1971): *Iter ab Emerita Asturicam: el Camino de la Plata*. Salamanca.
- ROLDÁN HERVÁS, J. (1975): *Itineraria hispana. Fuentes antiguas para el estudio de las vías romanas en la Península Ibérica*. Valladolid-Granada.
- ROLDÁN HERVÁS, J. (2007): El Camino de la Plata: *iter o negotium*. *Gérion Extra* 1: 323-340.
- ROLDÁN HERVÁS, J.; WULFF ALONSO, F. (2001): *Citerior y Ulterior: las provincias romanas de Hispania en la era republicana*. Madrid.
- RUIZ ZAPATERO, G.; ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. (1995): Las Cogotas: Oppida and the Roots of Urbanism in the Spanish Meseta, in B. CUNLIFFE; S. KEAY (eds.), *Social complexity and the Development of Towns in Iberia: from the Copper Age to the second century AD* (London, 1994). *Proceedings of the British Academy* 86. London: 209-236.
- RUIZ ZAPATERO, G.; ÁLVAREZ-SÁNCHEZ, J. (2002): Etnicidad y Arqueología: tras la identidad de los Vettones. *SPAL* 11: 253-275.
- SALAS MARTÍN, J. (1996): Fuentes para el estudio de la colonia *Norba Caesarina* y sus contributa *Castra Servilia* y *Castra Caecilia*. *Anas* 9: 59-78.
- SALINAS DE FRÍAS, M. (2001): *Los vettones. Indigenismo y romanización en el occidente de la Meseta*. Salamanca.
- SALINAS DE FRÍAS, M. (2006): Geografía ficticia y geografía real de la epopeya sertoriana, in G. CRUZ ANDREOTTI; P. LE ROUX; P. MORET (coord.), *La invención de una geografía de la Península Ibérica, I: La época republicana* (Madrid, 2005). Málaga: 153-176.
- SANCHÉZ ABAL, J. (1979): El castro de Sansueña, Aliseda (Cáceres). Situación y descripción del sistema defensivo, in E. CERRILLO MARTÍN DE CÁCERES; A. RODRÍGUEZ SÁNCHEZ (coord.), *Estudios dedicados a C. Callejo Serrano*. Cáceres: 659-662.
- SCHULTEN, A. (1918): Ein Römisches lager aus dem Sertorianischen Kriege. *Jahrbuch des Deutschen Archäologischen Institut* 33: 75-106.
- SCHULTEN, A. (dir.) (1937): *Fontes Hispaniae Antiquae*, vols. III, IV y VII. Barcelona.
- TORRES-MARTÍNEZ, J.; MARTÍNEZ VELASCO, A.; PÉREZ FARRACES, C. (2013): Los proyectiles de artillería romana en el *oppidum* de Monte Bernorio (Villarén, Palencia) y las campañas de Augusto en la primera fase de la guerra cantábrica. *Gladius* 33: 57-80.
- ULBERT, G. (1984): Cáceres el Viejo. *Ein spätrepublikanisches Legionslager in Spanish-Extremadura*. *Madrider Beiträge IX. Mainz-Rhein*.
- VELO Y NIETO, G. (1968): *Castillos de Extremadura. Tierra de conquistadores*. Madrid.
- VIEGAS, J. R.; PARREIRA, R. (1984): Der Schatzfund von Santana da Carnota (Alenquer/Portugal). *Madrider Mitteilungen* 25: 79-91.
- VILLARONGA, L. (1964): Notas a un hallazgo de denarios en Maluenda (Zaragoza). *Ampurias* 26-27: 165-173.
- VÖLLING, Th. (1990): Funditores im römischen Heer. *Saalburg Jahrbuch* 45: 24-58.